

É PRECISO REINTERPRETAR O CONCEITO DE FATO SOCIAL EM SAUSSURE?

Daiany BONÁCIO*

- **RESUMO:** As ideias de Saussure publicadas no CLG produziram um acontecimento discursivo e fizeram circular o discurso o qual defende que, ao excluir a fala do objeto de estudo da linguística, Saussure excluiu o fato social das ciências da linguagem (Meillet, Voloshinov). Passados 100 anos dessa publicação, questionamo-nos se é preciso reinterpretar o conceito de fato social em Saussure. Nossa indagação se baseia principalmente em passagens do CLG que comprovam o quanto Saussure esteve preocupado com essa questão, quando apresentou os conceitos de massa falante, o caráter coletivo do signo linguístico, língua como instituição social e também por conta das influências de autores que lidaram com tal assunto como Durkheim e Whitney. O objetivo desse artigo é problematizar esse discurso posto como evidente, ao refletir sobre a questão do fato social no linguista suíço. Para realizar essa pesquisa, coletamos enunciados do CLG e contrapomos com críticas de estudiosos da língua, os quais defendem que Saussure realizou a exclusão do fato social na constituição da ciência linguística. A partir dessa pesquisa, pudemos compreender que ele não negligenciou o fato social, pelo contrário, ao discorrer sobre a dependência do contrato coletivo, Saussure percebeu que, para as relações sistemáticas funcionarem, era preciso da ratificação social.
- **PALAVRAS-CHAVE:** fato social; Saussure; curso de linguística geral; análise do discurso.

Introdução

Não é difícil, ao ler livros sobre Ferdinand de Saussure ou sobre a ciência linguística, encontrar a afirmação de que, ao eger a língua como objeto de estudo da referida ciência, Saussure excluiu o social dos estudos da linguagem. Não é difícil também encontrar no livro *Curso de Linguística Geral*, doravante CLG, várias passagens que relacionam termos como massa falante, língua como instituição social/contrato coletivo dentre outros ao estudo da linguística. A partir disso, surge-nos a dúvida se não houve um gesto de leitura do CLG que supervalorizou a visão sistemática e apagou a visão social da língua que Saussure também apresentou em seus cursos ministrados em Genebra

* Universidade Estadual de Londrina (UEL). Centro de Letras e Ciências Humanas. Londrina - PR - Brasil. daianybonacio@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0001-8125-8975.

no início do século XX. Passados 100 anos da publicação do CLG, com um olhar mais amadurecido, não seria preciso reinterpretar o conceito de fato social em Saussure?

A partir do mirante da Análise do Discurso de orientação francesa, propomos compreender os discursos que circulam sobre Saussure os quais constroem a imagem de que ele tenha abandonado o social, o falante, a fala ao dar mais ênfase ao sistema como objeto de estudo da ciência linguística. Ao ler com atenção o CLG, vimos que isso não se confirma, pois, embora não haja um conceito elaborado, há nele várias passagens em que a língua está atrelada à história, ao sujeito e à sociedade. Orientados pelo olhar discursivo, indagamo-nos o motivo de aparecer enunciados os quais afirmam que Saussure não deu atenção ao social nos estudos da língua. Sem esse caráter social da língua, sem a massa falante de que trata Saussure, como seria possível um sistema funcionar? Quais condições de produção permitiram que surgissem esses discursos sobre Saussure em não outros em seu lugar? Por que foi essa imagem de Saussure que circulou? Em meio a tantos enunciados, porque somente os que se referiam ao caráter sistêmico da língua se destacaram? Por que a língua como fato social em Saussure não teve o mesmo prestígio do que o Saussure sistêmico? Quais posições de sujeito defenderam a imagem de um Saussure-sistêmico? Foram algumas dúvidas que apareceram em nosso estudo.

Para responder tais indagações, fomos pesquisar senão a gênese dessa visão, pelo menos um caminho que nos mostrasse onde e quando começaram essas afirmações e quem as fizeram. Encontramos vários autores estrangeiros, como Voloshinov, Meillet, Pêcheux, e brasileiros também como Lopes e Marcuschi. Isso não significa que foram os únicos a fazerem afirmações como as descritas, mas que eles servem de exemplo para verificarmos as posições de sujeitos que construíram a imagem de um Saussure sistêmico.

Sobre esse tema, Christian Puech e Jean-Louis Chiss já dedicaram vários estudos os quais demonstraram que a ideia de exclusão do social em Saussure foi produzida pela recepção dada ao CLG. Este artigo visa oferecer contribuições ao que já foi apresentado sobre o tema. É imperante compreender a circulação desse discurso e suas contradições ao longo do tempo. Nota-se que, muitas vezes, tal circulação é retomada e repetida como se ela fosse da ordem da evidência: a forma como Saussure foi lido e interpretado ao longo dos anos nos mostra o quanto é importante os estudiosos da nossa área se atualizarem como pesquisador e como professor. Os estudos saussurianos que se formaram nas últimas décadas nos levam a rever a circulação de sentidos sobre aquele que foi considerado o fundador da linguística.

Quando se trata de estudar o CLG, é preciso levar em conta que é uma obra póstuma, a qual Saussure não escreveu com seu próprio punho. Nesse sentido, as ideias do genebrino foram apresentadas a partir das percepções de seus alunos na tentativa de uma reprodução fidedigna de seus pensamentos. Contudo, esbarramos na questão do gesto de leitura que os editores fizeram: é uma visão atravessada pela interpretação do *outro*. Por conta disso, a credibilidade das ideias colocadas no CLG é um tema que gera discussões. Isso, como se sabe, ficou mais forte quando foram encontradas as

fontes manuscritas de Saussure. A partir da análise desses documentos, críticos como De Mauro, S. Bouquet, R. Engler nos fizeram ver que muitas interpretações geraram mal-entendidos sobre as verdadeiras ideias do professor genebrino. Como tudo o que se escreveu de Saussure até hoje é interpretação, a nossa é mais uma. Talvez apressada ainda, precisando de amadurecimento. No entanto, amparamo-nos nas palavras de Normand (2012, p.12 *apud* BRAIT, 2016, p.94):

Cada geração de leitores produziu e continua produzindo seu modo preferencial de leitura, marcada pelo contexto intelectual do momento, de modo que se poderia fazer a história do pensamento saussuriano como [sendo] a de suas interpretações há mais ou menos um século.

A construção de discursos para a ciência linguística: Saussure excluiu o fato social

O objetivo deste item é apresentar como alguns intelectuais, ao longo dos anos, disseminaram o discurso de que Saussure excluiu o fato social ao escolher a língua como o objeto de estudo da linguística. Nesse sentido, os enunciados proferidos acerca do assunto construíram o discurso de que o professor suíço concentrou-se somente na visão sistêmica em seus estudos.

Começemos com o que disse Antoine Meillet em 1916. Ao ter conhecimento da publicação do *Curso de Linguística Geral*, o discípulo de Saussure escreveu uma resenha sobre o livro: “Ao separar a mudança linguística das condições exteriores das quais ela depende, F. de Saussure a priva de realidade; ele a reduz a uma abstração necessariamente inexplicável” (in NORMAND *et al.* 1978, p.166 *apud* CRUZ, 2016, p.38). Na passagem selecionada, Meillet defende que Saussure separa a mudança linguística das condições exteriores, colocando em destaque a ideia de que no CLG há a separação entre o sistemático e o social.

Voloshinov, no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, afirmou que Saussure e seus herdeiros fizeram da língua um objeto abstrato ideal, um sistema sincrônico homogêneo, rejeitando as manifestações da fala, como se pode ver nos excertos a seguir:

A língua é como para Saussure, um fato social cuja existência, se funda nas necessidades de comunicação. *Mas ao contrário da linguística unificante de Saussure e seus herdeiros, que faz da língua objeto abstrato ideal, que se consagra a ela um sistema sincrônico homogêneo e rejeita as manifestações da fala*, a enunciação, e afirma social não individual: a fala está indissolivelmente ligada às condições de comunicação, que por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais. (VOLOSHINOV, 2009, p.14).

A enunciação individual (a “parole”) contrariamente à teoria do objetivismo abstrato, não é de alguma maneira um fato individual que pela sua individualidade, não se presta à análise sociológica. Com efeito, se assim fosse, nem a soma desses atos individuais, nem as características abstratas comuns a todos esses atos individuais (as “formas normativamente idênticas”) poderiam gerar um produto social. (VOLOSHINOV, 2009, p.126.).

Vejamos outro excerto em que Voloshinov reflete sobre a noção de homogeneidade da língua e a noção de sincronia do CLG. Ele também discute a monovalência do signo, afirmando que o signo, por depender da enunciação, é mutável:

[...] é indispensável partir da língua como sistema de formas cuja identidade se refira a uma norma e esclarecer todos os fatos da linguagem com referência às suas formas estáveis e autônomas auto regulamentadas. Tendo distinguido a língua da linguagem no sentido da totalidade absoluta das manifestações da linguística, Saussure vai em seguida distinguir a língua dos atos individuais de enunciação, isto é, da fala. (VOLOSHINOV, 2009, p.89-90)

Qual foi o peso das palavras de Voloshinov e Meillet para a época? Sob quais condições de produção elas foram escritas? Pensando especificamente em Voloshinov, encontramos informações que nos ajudam a compreender as condições de produção em que suas críticas foram feitas:

Segundo a eslavista Inna Ageeva (2009), nas décadas de 1920-1930, na Rússia, tomava corpo no campo das ciências da linguagem um movimento que visava justamente a redefinir o objeto de estudo da Linguística, repensar sua teoria e propor novas metodologias. Esse movimento se devia a uma crise das abordagens histórico-comparativas e neogramáticas. [...] Conforme a referida autora, essas novas questões teóricas são relacionadas à existência de uma orientação sociológica da Linguística na Rússia ligada à metodologia marxista, que se configurava como novo paradigma científico desde a Revolução de 1917. A Linguística passava a pensar mais profundamente os problemas ligados às relações entre linguagem e sociedade. (NARZETTI, 2011, p.1257-1258)

É possível notar com a citação acima que, nas décadas de 1920/30, havia na Rússia o desejo de redefinir o objeto de estudo da linguística influenciado por uma orientação sociológica e marxista. Esses fatos nos fazem vislumbrar as condições de produção que estavam por trás das críticas de Voloshinov. Ele objetivava, juntamente com o seu grupo, construir um novo objeto de estudo para a linguística, uma nova metodologia.

A fim de construir as bases para uma teoria linguística de cunho marxista, o círculo de Bakhtin teria de derrubar Saussure e superar seus discursos que estavam se alastrando. Sobre isso, Narzetti (2011, p.1258) cita que,

[...] segundo Ageeva (2009), havia duas atitudes frente às ideias do *Curso de Linguística Geral*: uma que as recebia favoravelmente (os linguistas de Moscou) e uma que as rejeitava peremptoriamente (os linguistas de Leningrado). A atitude de Voloshinov é conforme a esta última.

Narzetti (2011) revela que Voloshinov entrou em contato com o CLG na década de 1920 e foi no *Marxismo e filosofia da linguagem* que ele tratou diretamente das ideias de Saussure. Neste livro publicado em 1979, Voloshinov discorreu sobre a emergência das duas correntes e em que constituiu os conceitos de cada uma. Para o referido autor, Saussure não fez nada de novo, ele elegeu como objeto de estudo aquilo que a tradição já havia encontrado: a língua compreendida como um sistema de formas linguísticas estáveis e normatizadas. “Segundo o pensador russo, o problema é que esse objeto estaria, desde as suas bases, mal formulado” (NARZETTI, 2011, p.1260). Nesse sentido, para Voloshinov (1979, p.82), “Saussure falha ao retirar das formas da língua o seu conteúdo ideológico e privilegiar o seu aspecto normativo.” O referido autor defende que o uso prático das formas linguísticas pelos falantes é determinado por esse conteúdo ideológico e não pelo seu aspecto normativo, não por estar em conformidade com as regras. O estudioso russo ainda avalia que a língua ser definida como um sistema de formas estáveis e imutáveis é algo que não pode ser comprovado:

Na verdade, se fizermos abstração da consciência individual subjetiva e lançarmos sobre a língua um olhar verdadeiramente objetivo, um olhar, digamos, oblíquo, ou melhor, de cima, não encontraremos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis. Pelo contrário, depararemos com a evolução ininterrupta das normas da língua. (VOLOSHINOV, 1979, p.76)

Acerca disso, Narzetti (2011, p.1260) afirma que:

Resumindo, para o pensador russo, o conceito saussuriano de língua é o resultado de uma abstração ilegítima, que não encontra equivalente no mundo real, no mundo da vida, só podendo, em consequência, ser falso. A língua, como definida por Saussure, não representa a “essência da linguagem”, que está em constante movimento. A definição saussuriana de língua, enquanto sistema de formas estáveis, segundo Voloshinov, não seria uma definição rigorosa e condizente com a realidade, mas uma definição que apenas reproduz a concepção que o falante comum tem da língua – este último, por não conhecer a história de sua língua e não ter

consciência das mudanças que ela sofreu ao longo do tempo, realmente a concebe como um sistema de formas estáveis ou mesmo imutáveis.

É possível notar que Voloshinov defende a língua como um fenômeno em constante mudança e pondera que Saussure não tratou adequadamente desse assunto ao afirmar que a causa da mudança histórica das formas linguísticas seria o processo de analogia. Seguindo essa ideia, a história da língua seria regida pelo acaso, já que ela seria o resultado de erros fortuitos, erros regidos pela analogia do falante. Voloshinov não aceita essa explicação para a mudança, porque acredita que a língua “[...] é um fenômeno puramente histórico” (VOLOSHINOV, 1979, p.94). Para Voloshinov e seu grupo, o problema do objetivismo abstrato é não entender a língua como um fenômeno histórico; entendê-la, pelo contrário, como um fenômeno estável e imutável. Tal visão trata a língua viva como algo pronto e acabado, preconiza Voloshinov. Nesse sentido, Saussure estaria influenciado por uma visão conservadora da filologia a qual negava a influência da história.

Como vimos, Voloshinov apresenta muitos argumentos para defender que Saussure excluiu a abordagem histórica da língua. Voloshinov (1979, p.73) chega a afirmar que para Saussure “a história é um domínio irracional que corrompe a pureza lógica do sistema linguístico.” Isto é, a história e suas mudanças corrompem a lógica do sistema que a língua tem. Nesse sentido, o referido estudioso descarta as concepções estruturalistas na construção de uma teoria da linguagem que trabalhe com o uso concreto da língua, sob a forma da enunciação. Outro ponto que desagrada o autor é a questão de Saussure tratar do aspecto unívoco do sentido:

Esse trabalho do linguista torna-se ainda mais complicado pelo fato de que ele cria a ficção de um recorte único da realidade, que se reflete na língua. É o objeto único, sempre idêntico a si próprio, que garante a unicidade do sentido. A ficção da palavra como decalque da realidade ajuda ainda mais a congelar sua significação. (VOLOSHINOV, 1979, p.92).

Voloshinov defende o aspecto polissêmico e declara que Saussure privilegiou o aspecto normativo ao retirar da língua o seu conteúdo ideológico e a possibilidade de perceber as formas linguísticas sendo determinadas pela ideologia na interação. Em outras palavras, é no uso que as palavras adquirem sentidos, variados sentidos, inclusive. Saussure, ao defender a noção de valor do signo linguístico, concebe que a significação está no sistema. Voloshinov, pelo contrário, descola o sentido das formas do sistema e o joga para o uso, como dependente da fala, negando a univocidade do sentido: “[...] ao considerar que só o sistema linguístico pode dar conta dos fatos da língua, o objetivismo abstrato rejeita a enunciação, o ato de fala, como sendo individual.” (VOLOSHINOV, 1979, p.94-5).

A discussão apresentada demonstra que, apesar de haver uma abertura para o fato social como o próprio Voloshinov atesta, as condições de produção da época

encaminharam as reflexões dos primeiros leitores do CLG para um olhar sistêmico. Nesse sentido, embora houvesse espaço para o social no *Curso*, ele não apareceu de imediato, uma vez que o referido livro deu grande atenção à questão da imanência da língua, direcionando o olhar dos estudiosos para uma abordagem sistemática. Da forma como Saussure tratou do referido assunto, é difícil precisar qual é a concepção de história, de sujeito e de sociedade para o genebrino. De fato, como bem pontua Voloshinov, não aparece no livro em questão a elaboração de um conceito de ideologia tampouco de seus modos de funcionamento. A atenção para a questão social só emergiu posteriormente, depois da descoberta das fontes manuscritas de Saussure e da maturidade adquirida a partir do estudo desses documentos, material esse que os estudiosos citados não tiveram acesso.

Sobre isso, Flores (2002) defende que a história e a estrutura linguística estão ligadas para Saussure; ele não a rejeita, reconhece, inclusive que a história está na língua, mas acaba escolhendo a sincronia por conta da necessidade de um método teórico, uma vez que os fatos diacrônicos não permitem a generalização. O CLG apresenta categorias definidas para dar conta do sistema abstrato de signos, como valor, imagem acústica, conceito, relações associativas, relação paradigmáticas, etc. Sobre o plano social não ocorre a mesma coisa. Acerca dessa discussão, Porsche (2008, p.10) pontua que:

Sincronia e estrutura da língua não se confundem em Saussure. Adotar um ponto de vista sincrônico para o estudo da língua não se equipara a afirmar que a língua se apresenta ao indivíduo como um sistema rígido de normas, mas refere-se ao conjunto de regularidades que o linguísta observa ao proceder o estudo da língua. Não utilizar o ponto de vista diacrônico para o exame da língua também não significa excluir a história como componente da língua, uma vez que ela é interna ao sistema, mas é recortar o objeto e analisá-lo pela perspectiva adequada ao plano teórico proposto.

A referida autora nos ajuda na compreensão das condições de produção em que as críticas direcionadas a Saussure foram escritas:

MFL foi escrito nos anos 20, ao passo que o CLG foi publicado em 1916, ou seja, poucos anos antes, sem haver tradução para o russo até 1933, sendo as idéias de Saussure muito recentes no momento da produção de MFL e, aparentemente, ainda não devidamente compreendidas em seu plano teórico global. Além disso, atribuiu-se a Saussure uma influência sobre o formalismo russo que certamente não corresponde aos fatos.

A hipótese que levantamos aqui é o desconhecimento do complexo teórico saussuriano por Volochinov, tendo em vista a recepção tardia dos pensamentos de Saussure na Rússia e indicações do próprio

Volochínov, que deixa claro, em nota de rodapé, haver pouco material sobre a história da filosofia da linguagem, alegando existirem apenas pesquisas de grande importância sobre a lingüística e a filosofia da linguagem antigas e poucos estudos consistentes em seu tempo, citando um representante da história das idéias lingüísticas européia, Cassirer, e dois autores russos como textos: Schor, a respeito da crise contemporânea da lingüística, e Peterson, sobre lingüística com algum componente sociológico consagrado. Ou seja, o autor, no desejo de buscar obras que tratem da filosofia da linguagem, não encontra sistematizadas as correntes lingüísticas de forma completa, e, ao procurar por fundamentos para a sua tese, vê-se desprovido de textos que lhe possam auxiliar no intento de situar a linguagem como objeto histórico-ideológico, recorrendo a esse escasso material e às tendências lingüísticas de sua época para construir seus postulados críticos. Também é indicativo lembrar que o autor está mergulhado no contexto da lingüística formalista russa, que não se resume à teoria de Saussure, embora fosse a corrente a cujas concepções o círculo de Bakhtin se opunha diametralmente. (PORSCHKE, 2008, p.14-15)

Voloshinov, quando fez sua análise em 1920, não teve acesso ao que os estudiosos da atualidade dizem ser o verdadeiro pensamento saussuriano. Em consequência, só foi possível rever o que foi dito sobre Saussure anos mais tarde, com a descoberta das *Fontes Manuscritas* e outros documentos, uma vez que o CLG não deu o subsídio necessário para os estudiosos do começo do século compreenderem o fato social da forma como apareceu na publicação de 1916. Não se trata, pois, de dizer que as críticas feitas em MFL são inconsistentes quando comparadas ao CLG. Trata-se de compreender que, só hoje se tem maturidade para compreender o peso dessas afirmações para a época.

A questão a ser pensada é que as primeiras avaliações realizadas do CLG constituíram os discursos de que Saussure excluiu o fato social dos estudos lingüísticos. Sobre isso, Calvet (1975, p.55) revela que Voloshinov, com suas críticas, ajuda a ocultar esse aspecto social da linguagem em Saussure: “Esse ocultamento do aspecto social da linguagem passa pelo ocultamento de Marr e Volochinov”. Para Calvet (1975), o fato de o estruturalismo se desenvolver negando a história e o social se deve muito a Voloshinov:

O que mais espanta aqui é que Voloshinov, além da sua vontade de ancorar o fato lingüístico na prática social, formula ao mesmo tempo uma crítica da lingüística estrutural que ainda não existe (estamos em 1929, o ano em que as teses do Círculo Lingüístico de Praga vão ser divulgadas) [...] (CALVET, 1975, p.76).

Sobre as críticas descritas, Brait (2016) sai em defesa de Voloshinov e cita trechos importantes em que ele menciona Saussure para fazer avançar sua teoria dialógica da linguagem. Saussure em Voloshinov, analisa Brait (2016), não é mero objeto de

rejeição: é um contraponto epistemológico essencial para a constituição de suas ideias. Brait (2016) acusa alguns leitores de terem dito levemente que Voloshinov “acaba com a linguística saussuriana” (BRAIT, 2016, p.103). A referida autora defende que a linguística da fala de Saussure é “[...] absolutamente necessária para que Bakhtin possa apresentar uma estilística do *discurso*, *sociológica*, do *gênero*, que tem como objeto o romance, a prosa literária como gênero.” (BRAIT, 2016, p.100). Nesse sentido, a estudiosa insiste no fato de que Voloshinov não retoma Saussure para ser desqualificado:

Ao contrário, esses encaminhamentos vão colocando a linguística num lugar de importância científica, de maneira, por exemplo, a contrapor ao conceito de *parole* vindo de Saussure, produto da coerência do pensamento saussuriano, o conceito de *discurso*, forjado na concepção coletiva de linguagem, de relação eu/outro. [...] na medida em que Bakhtin vai desenvolvendo o conceito de gênero do discurso, que ele confirma o tipo de relação produtiva [...] em torno do binômio *abstrato-concreto*, que estabelece com a linguística saussuriana (perspectiva abstrata da língua), para colocar-se, naturalmente, num lugar epistemológico diferente, no sentido de que o trabalho com o *concreto*, com o uso da língua, para a construção de uma teoria que tem como objeto de estudo o *discurso*, não exclui a reflexão em torno do sistema da língua. (BRAIT, 2016, p.105-106)

Conforme comprova Brait (2016), Voloshinov não leu Saussure como achamos que ele leu. Como consequência, a linguística vai se desenvolvendo baseada nessas críticas de Voloshinov, tomando-as como lei. Vejamos, por exemplo, Weedwood (2002, p.152), ao narrar acerca do que defende o filósofo russo, dissemina o discurso de que ele negou as ideias de Saussure:

Bakhtin enfatiza precisamente a fala, a *parole*, a enunciação e afirma sua natureza social, não individual: a *parole* está indissolúvelmente ligada às condições de comunicação, que estão sempre ligadas às estruturas sociais. Portanto, toda modificação da ideologia acarreta uma modificação na língua. A evolução da língua reflete as variações sociais (e nessas afirmações Bakhtin se antecipou em meio século à sociolinguística). Se é verdade que a mudança obedece, em parte, às leis internas da língua, o fato é que essa mudança é regida sobretudo a leis externas, de natureza social. O signo dialético, movente, vivo se opõe ao “sinal” inerte que se desprende da análise da língua como sistema sincrônico abstrato.

Vejamos nas últimas linhas da citação acima, quando é dito que o signo de Voloshinov (dialético, em movimento) se opõe ao signo (chamado de “sinal”) inerte, pertencente a um sistema sincrônico abstrato (diretamente ligado a Saussure).

Outro fato que também coopera para criar essa visão de que Saussure exclui o social dos estudos da língua é que, em 1926, quando foi criado o Círculo Linguístico de Praga, o grupo leu Saussure basicamente pela sua visão sistêmica que o CLG continha. Isso colocou em primeiro plano a língua como sistema de valores puros. Assim, não podemos nos esquecer de que as primeiras teorias decorrentes da linguística saussuriana vieram de Praga e dessa visão sistêmica. O mundo vai conhecer Saussure a partir dos estudos de Praga que tem, como um de seus fundadores, Jakobson. Em consequência, a história e a forma como o CLG foi interpretado nos primeiros anos de sua publicação agiu para que Saussure fosse visto como sistêmico.

E esses discursos continuaram se proliferando: é só lembrarmos que em 1931, Hjelmslev cria o Círculo Linguístico de Copenhague, o qual realizou uma das leituras mais sistêmicas do CLG, explorando o conceito de língua como forma e não substância. Temos ainda Martinet, no livro *Économie des changements phonétiques*, publicado em 1955, que defendia uma visão sistêmica para a mudança linguística.

A tal “exclusão do fato social” reverberou entre muitos estudiosos da língua:

Assim, a língua é pensada por Saussure como um objeto científico homogêneo (pertencente à região do “semiológico”) cuja especificidade se estabelece sobre duas exclusões teóricas:

- a exclusão da fala no inacessível da ciência linguística;
- a exclusão das *instituições “não semiológicas”* para fora da zona de pertinência da ciência linguística. (PÊCHEUX, 1990 p.71).

O fundador da Análise do Discurso compreende que Saussure pensa a língua como um objeto científico que se forma a partir da exclusão da fala do campo de estudo da linguística. Na mesma linha de pensamento, temos as palavras de Paveau e Sarfati (2006, p.62):

O trabalho de Saussure instaura, com efeito, uma ruptura com a linguística comparatista de sua época, propondo uma abordagem não histórica, descritiva e sistemática (dir-se-á, mais tarde, ‘estrutural’).

No Brasil, esses discursos da exclusão do fato social por Saussure continuaram a produzir representantes:

[...] Saussure deixou uma persistente imagem de campeão da separação entre a linguística interna (fora do contexto sócio-histórico) e a linguística externa (a que considera os fatores exteriores que condicionam os fenômenos linguísticos). (LOPES, 1980, p.72).

Faraco, ao comentar sobre as ideias gerativistas, revela que elas surgem na esteira da linguística estrutural de inspiração saussuriana “que recortam um objeto sistêmico,

sincrônico e separado da fala.” (FARACO, 2016, p.17). Em outro trecho desse livro, Faraco defende que a recepção de Saussure como estruturalista se deve a uma leitura equivocada de leitores de Voloshinov que se deixaram levar pela sua retórica:

Um dos aspectos mais interessantes da recepção das idéias do Círculo de Bakhtin no Brasil é, certamente, o fato de os leitores terem se deixado seduzir pela retórica de Voloshinov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. A crítica que ele desenvolveu, na segunda parte do livro, às duas principais tendências do pensamento linguístico de seu tempo – que ele denominou de “objetivismo abstrato” e “subjativismo idealista” – foi tomada, entre nós, como juízo condenatório definitivo daquelas tendências. E, como tal, foi sendo, em paráfrases quase-perfeitas, repetida “ad nauseam”, em teses, dissertações, artigos, comunicações e conferências. (FARACO, 2006, p.125).

As primeiras leituras feitas sobre o CLG realmente guiaram a circulação dos sentidos sobre Saussure, contudo não dá para cobrar dos autores dos anos 1920, um ponto de vista sobre um material que os estudiosos da época não tiveram acesso. É preciso deixar claro, antes de tudo, que as considerações realizadas pelos estudiosos são frutos da historicidade da época em que viveram.

Outro autor que vamos citar é Marcuschi. O linguista brasileiro critica o professor genebrino quando afirma que:

Seguramente Saussure procedeu por algumas reduções muito sérias em seu recorte sincrônico e sua visão sistemática, seguindo caminhos que impediram um trato na língua na observação primordial de sua característica discursiva e social.

Em consequência, nos estudos linguísticos de marca saussuriana, o projeto que predominou na tradição do *Curso* sufocou sensivelmente o sujeito, a sociedade, a história, a cognição e o funcionamento discursivo da língua, a fim de obter um objeto asséptico controlado criado pelo ponto de vista sincrônico formal. (MARCUSCHI, 2008, p.30).

Nessa exposição de ideias e autores em que buscamos as condições de produção para os discursos os quais circularam sobre Saussure, vale a pena mencionar o que diz William Labov em *Padrões Sociolinguísticos*, livro publicado em 1972. Em um item denominado “A abordagem saussuriana da ‘langue’”, Labov (2008) revela que há um paradoxo nessa abordagem saussuriana: Saussure ensina que a língua é parte social da linguagem e que não existe língua fora do contrato social estabelecido entre os membros de uma comunidade. Nesse sentido, explica Labov (2008), a Escola de Genebra é concebida como a “escola ‘social’ da linguística.” (LABOV, 2008, p.217).

O paradoxo se dá, explica o autor, pelo fato de que os herdeiros saussurianos, os quais trabalham dentro dessa tradição,

[...] não levam em conta de modo nenhum a vida social: trabalham com um ou dois informantes em seus escritórios, ou examinam seu próprio conhecimento da langue. Além disso, insistem em que as explicações dos fatos linguísticos sejam derivadas de outros fatos linguísticos, não de quaisquer dados “externos” sobre o comportamento social.

Após essa afirmação, Labov (2008, p.217) em nota de número 2 no livro, revela que:

Meillet, contemporâneo de Saussure, acreditava que o século XX assistiria o desenvolvimento da explicação histórica baseada no exame da mudança linguística encaixada na mudança social (1921). Mas discípulos de Saussure, como Martinet (1964b), repudiaram ativamente essa opinião e empreenderam esforços para que a explanação linguística ficasse confinada às inter-relações de fatores internos, estruturais. Assim procedendo, eles certamente seguiam o espírito da doutrina de Saussure, pois o estudo mais atento de seus escritos sugere que, para ele, ‘social’ não significava muito mais do que “multiindividual”, sem nenhuma sugestão das implicações mais amplas da interação social.

Labov enxerga um paradoxo: se a língua é parte do social da linguagem e não existe fora do contrato social, como é que os herdeiros de Saussure trabalham com uma visão sistemática e fora de contextos sociais? O próprio Labov, na sequência dessas ideias trazidas, revela que se a língua *é um sistema gramatical existente virtualmente em cada cérebro*, tal como Saussure defende no CLG, os dados para se realizar uma análise linguística poderiam ser obtidos a partir do testemunho de uma única pessoa, um único falante. Por outro lado, os dados sobre a fala “só podem ser obtidos pelo exame do comportamento de indivíduos que estão usando a língua.” (LABOV, 2008, p.218). E isso para o autor é um paradoxo: “[...] o aspecto social da língua é estudado pela observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente pela observação da língua em seu contexto social.” (LABOV, 2008, p.218).

Labov (2008, p.219) não compactua com o fato de os herdeiros de Saussure insistirem na homogeneidade da língua e na heterogeneidade da fala:

A lingüística, portanto, tem sido definida de tal modo a excluir o estudo do comportamento social ou o estudo da fala. A definição tem sido conveniente para os formuladores, os quais, por inclinação pessoal, preferiram trabalhar com seu próprio conhecimento, com informantes individuais ou com materiais secundários.

O referido autor revela que é muito mais conveniente para os linguistas trabalharem com os dados abstratos do que entrarem em comunidades de fala para obter dados de análise concretos.

Com o objetivo de compreender o gesto interpretativo que fizeram das ideias de Saussure no último século, achamos pertinente ainda trazer algumas passagens do CLG, edição de 2006, que apontam para um estudo sistemático da língua. Isso porque, segundo Calvet (1975), muitas dessas passagens foram acrescentadas pelos Editores do CLG. Há um direcionamento do olhar para que se leia Saussure a partir de uma visão sistêmica:

“Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas.” (p. 23)

“[...] seria ilusório reunir, sob um mesmo ponto de vista, a língua e a fala [...]. Essa é a primeira bifurcação que se encontra quando se procura estabelecer a teoria da linguagem. Cumpre melhor entre dois caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo; devem ser seguidos separadamente.

Pode-se, a rigor, conservar o nome de Lingüística para cada uma dessas duas disciplinas e falar duma Lingüística da fala. Será, porém, necessário não confundi-la com a Lingüística propriamente dita, aquele cujo objeto é a língua.

Unicamente desta última é que cuidaremos, e se por acaso, no decurso de nossas demonstrações, pedirmos luzes ao estudo da fala, esforçar-nos-emos para jamais transpor os limites que separam os dois domínios.” (p. 28)

“Nossa definição da língua supõe que eliminemos dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema, numa palavra: tudo quanto se designa pelo termo ‘Lingüística externa.’” (p. 29)

“[...] a língua é um sistema que não conhece senão sua ordem própria.” (p. 31)

“Uma língua constitui um sistema. [...] tal sistema é um mecanismo complexo; só se pode compreendê-lo pela *reflexão*” (p. 87)

“[...] poucos linguistas duvidam que a intervenção do fator tempo possa criar à linguística dificuldades particulares e que ela coloca sua ciência diante de duas rotas absolutamente distintas” (p. 114)

“[...] a oposição entre os dois pontos de vista – sincrônico e diacrônico – é absoluta e não admite compromissos” (p. 119)

“[...] a *Lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma*” (p. 271)

Essas frases do CLG possuem uma visão sistemática da linguagem e não abrem espaço para o social nos estudos linguísticos. Isso guia a forma como a língua foi sendo analisada ao longo dos anos, como vimos na discussão apresentada nesse item.

A desconstrução dos discursos: Saussure não exclui o social dos estudos da linguagem

A desconstrução dos discursos sobre Saussure é marcada pelo encontro de suas fontes manuscritas. A partir delas, aparecem as críticas ao CLG e como ele falseia o pensamento de Saussure. Engler, De Mauro, Bouquet estão em busca do verdadeiro pensamento saussuriano e não medem esforços para desconstruir os discursos distorcidos sobre Saussure. Isso inclui afirmar que Bally e Sechehaye acrescentaram ideias que não estavam nas fontes manuscritas, de como a ordem das ideias apresentadas nos 3 cursos foram alteradas para dar ênfase à língua e como ela deveria ser eleita o objeto de estudo da linguística. Para os críticos, Saussure coloca língua e fala no mesmo patamar em seus manuscritos. Os discursos que se constroem agora é que o CLG é uma versão/interpretação e isso permitiu vislumbrar que Saussure não negligenciou o social dos estudos da linguagem, principalmente pelo fato de ele ter anunciado no CLG a necessidade de uma linguística da fala. Sobre isso, encontramos Rastier (2015, p.26 *apud* CRUZ, 2016, p.31, grifo do autor), o qual apresenta uma explicação pertinente para esses acontecimentos:

Para François Rastier, ‘Bally e Sechehaye não omitiram pontos importantes do terceiro curso apenas, eles também acrescentaram passagens por conta própria, que introduzem graves confusões’ (Rastier, 2015: 26). Entre esses acréscimos está, por exemplo, a famosa passagem no último parágrafo do Curso, onde se lê em itálico: *‘A linguística tem como único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma’* (CLG, 317). Quanto às omissões, por exemplo, os editores apresentam a noção de fala como pertencendo a um domínio secundário de estudos ao passo que, nas fontes manuscritas, ‘para Saussure [ela] está em pé de igualdade com a língua e pode ocasionalmente tornar-se o elemento determinante na dualidade que forma com a língua’ (Rastier, 2015: 26). Rastier menciona aqui o discurso de Saussure quando da criação da cátedra de Bally, em que Saussure afirma a propósito da linguística: ‘Ela comporta duas partes: uma que é mais próxima da língua, depósito passivo, a outra que é mais próxima da fala, *força ativa e verdadeira origem dos fenômenos que se percebem em seguida, pouco a pouco na outra metade da linguagem.*

Acerca desse assunto, Calvet (1975) pondera que as passagens do CLG não devem ser vistas de forma tão maniqueístas, em que língua e fala estão em lados opostos. Para o autor, a imagem que se criou da linguística estrutural é repleta de estereótipos – Saussure exclui o social; a língua deve ser estudada por si mesma; dentre outros – os quais foram incapazes de explicar os fatos linguísticos em sua diversidade:

Durante quarenta anos, mas quarenta anos que tiveram enorme importância na história da lingüística (de Bloomfield a Chomsky, da Escola de Praga a Martinet, passando por Hjelmslev, Benveniste, Firth e muitos outros), esse texto será admitido sem problemas, não certamente do ponto de vista do seu conteúdo, veremos ao contrário que suscitou reservas, críticas e recusas, mas do ponto de vista da sua constituição: acede muito rapidamente ao estatuto de versão vulgata do pensamento saussuriano, à qual se faz referência de modo quase religioso, a tal ponto que certos ortodoxos farão para si uma regra para seguir escrupulosamente certas passagens que foram inventadas por editores... Assim, Saussure passará para a posteridade sob a forma de cerca de 300 páginas impressas após a sua morte e o seu nome ficará associado a alguns conceitos opositivos: *língua/fala, significante/significado, sincronia/diacronia*... É importante salientar, mesmo se isso for evidente que essa imagem é *póstuma*. (CALVET, 1975, p.19).

Para Calvet (1975), o surgimento do Saussure sistêmico logo de início se deu ao fato de os editores terem dado forte ênfase ao sistema e a escolha de como as ideias apareceram no CLG não foi ao acaso, ela é movida pelo o que o estudioso chama de a “imagem de marca saussuriana”:

[...] os editores são marcados por uma idéia fundamental a qual ‘*é preciso colocar-se logo de início no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem*’ [CLG, p.16 (25)], idéia que reaparece, reforçada, na última frase do Curso: ‘*a lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua encarada em si mesma e por si mesma*’ [p. 271 (371)]. Colocar-se logo de início no terreno da língua, começar pela língua, há aí a vontade evidente de fundar a autonomia da lingüística, de traçar os limites do seu campo de intervenção e de separá-la do de outras ciências. (CALVET, 1975 p.22).

Inclusive, Calvet (1975) concorda com a opinião de Jacqueline Fontaine, para quem: “Os praguenses, poder-se-ia dizer, usaram Saussure contra os neogramáticos. Receberam de Saussure a herança de uma linguística separada dos discípulos que antes a tinham sujeitado, atingindo o estado de ciência.” (CALVET, 1975 p.50). Essas palavras nos permitem vislumbrar que havia uma luta pelo estabelecimento da ciência

linguística por um viés ideológico estruturalista. Em nome desses interesses, os editores do CLG silenciaram o fato social e destacaram certos enunciados para que ficasse em evidência a questão sistemática separada da história. É como se houvesse uma luta entre forças intelectuais para se ver qual grupo/ideologia sairia vencendo. Em nome de despistar as tendências sociológicas, psicológicas e naturalistas que também estavam na disputa pelo estabelecimento de uma ciência autônoma, vinculou-se os estudos da língua à metodologia sincrônica e sistemática e recusou-se a exterioridade Como consequência, tal recusa ocultou

[...] o importante fato de que uma língua é falada por pessoas, no seio de uma sociedade que é atravessada por conflitos sociais, tensões, lutas, que é herdeira de uma história e cheia de reviravoltas...Tudo isso, que ninguém ignora e não ousaria hoje negar, é radicalmente rejeitado pelo estruturalismo tal como este se manifesta em Hjelmslev: a língua não tem sociedade, vive no ar, no espaço, longe das contingências do tempo. (CALVET, 1975 p.51-52)

Esse gesto interpretativo iniciado por Bally e Sechehaye na organização do CLG teve muitos adeptos: os praguenses, Hjelmslev, Martinet, fazendo tais ideias ganharem força e circularem como o verdadeiro da época (FOUCAULT, 1998).

Foi a busca pelo verdadeiro Saussure iniciada com a descoberta das fontes manuscritas que comprovaram o foco das pesquisas saussurianas: a questão do signo linguístico e seu valor. Contudo, ao longo da história, foi dado ênfase à exclusão do fato social em seus estudos. Calvet (1975) argumenta a favor de uma visão social em Saussure por conta do interesse que ele demonstrou pelas áreas da etnologia, história e sociologia, evidenciando que o pensamento dele no CLG foi forçado, com trechos acrescentados em nome de o que podemos chamar de uma política da autonomia da ciência linguística:

Ora, os interesses de Saussure pela etnologia, pela história, pela sociologia [...], mostram que a versão do CLG força o seu pensamento. [...] a última frase do Curso, a respeito de “*a língua encarada em si mesma e por si mesma*”, foi inteiramente acrescentada pelos editores. Mas esta é mais a conclusão do plano que adotaram do que o pensamento de Saussure. E o *Curso de Linguística Geral* assume, assim, um sentido que, sem dúvida, ele não tinha na mente de quem o professava: elaboração de fundamentos teóricos justificando a autonomia da ciência linguística. Por isso, essa discussão é muito mais que uma querela de eruditos: os editores, repitamos, fabricaram uma ‘imagem de marca’ saussuriana que passou para a posteridade. O problema aqui não é tanto defender Saussure contra as deformações do CLG, mas seguir o devir teórico dessa imagem

de marca. Veremos, de fato, que é sobre ela que se construiu a lingüística geral. (CALVET, 1975, p.23).

Calvet (1975) pondera que o falseamento do pensamento saussuriano trouxe consequências: restringiu o ponto de vista da lingüística e negou os elementos exteriores que intervêm na língua. É evidente, lembra o autor, que o fato social para Saussure tem o significado do seu tempo. Calvet (1975) esclarece que, totalmente baseado em Durkheim, o fato social para Saussure se definia como um tipo de representação/consciência coletiva, em que o indivíduo era unificado num grupo. Nesse sentido, o social para o professor de Genebra não é o social de hoje:

Isso quer dizer que a sociedade era concebida de forma idealista como a harmoniosa união dos indivíduos sob a ação ao mesmo tempo ecumênica e coerciva dos fatos sociais. Nada que possa sugerir que a sociedade seja atravessada por conflitos, nenhuma referência, certamente, a uma eventual luta de classes. (CALVET, 1975, p.67).

O importante é pensar que o estruturalismo foi associado ao estudo sistemático da língua por conta dos autores que desenvolveram estudos lingüísticos seguindo essa vertente e não estender isso a Saussure. Os seguidores do estruturalismo deram ênfase ao código, ao que estava ligado à língua e ao seu sistema: “Pena é que os herdeiros de Saussure, conformistas até o fim, tentaram realizar essa semiologia de modo tão redutor e cientista quanto tinham realizado a sua lingüística [...]” (CALVET, 1975 p.105). A partir dessas discussões, pode-se afirmar que a forma como interpretaram Saussure definiu como a ciência lingüística se desenvolveu. Hoje, com o amadurecimento teórico de um século de estudo, é possível vislumbrar que Saussure buscou uma definição formal para o signo predominantemente, na qual ele é definido como uma entidade mental; a língua é, no *Curso*, principalmente, um conjunto abstrato de signos. Contudo, isso não quer dizer que ele negligenciou a historicidade presente aí.

Chiss e Puech (1999) estudam a história das recepções do CLG e mostram como elas foram diferentes, evidenciando algumas problemáticas, como essas questões colocadas acima. O fato é que todo o percurso de estudo/recepção de Saussure, envolvendo Voloshinov, os praguenses, Hjelmslev, Martinet, dentre outros, justifica as interpretações feitas ao longo desses 100 anos. Não é o caso de dizer que tudo o que se falou sobre Saussure foi um erro; mas o de se repensar tais ideais e cessar esses discursos maniqueístas, conforme avaliou Calvet (1975), nas interpretações de Saussure.

Ler Saussure e o CLG hoje é diferente: é perceber que a história da lingüística desenvolvida nos últimos 100 anos privilegiou algumas ideias e silenciou outras; é perceber que alguns discursos acerca da fundação da lingüística foram difundidos e defenderam que o professor genebrino, para fundar uma ciência da língua, excluiu o falante e a sociedade. É inegável que o CLG tem seu valor legitimador, que o corte saussuriano foi importante e que os estudos realizados durante esses anos todos de

interpretações não foram em vão. Graças a essa “exclusão” saussuriana, puderam surgir disciplinas tão importantes como a Pragmática, Análise do Discurso, Sociolinguística, Teorias da Enunciação.

Saussure inclui o fato social nos estudos da linguagem

A seguir, selecionamos várias passagens tiradas do CLG, edição de 2006, para mostrar como Saussure, embora não teorize, aborda o social – a sociedade, o falante e a história – nos estudos da língua que propõe. O objetivo deste levantamento é desconstruir os discursos já cristalizados sobre o método de trabalho do professor genebrino.

Os trechos apresentados comprovam que, no CLG, há várias passagens em que Saussure concebeu a língua como fato social, relacionando-a com os sujeitos e com a história. O *Curso* dedica muitas partes para tratar dessa consciência coletiva, da massa falante, do poder coercitivo que os fatores sociais têm sobre a língua.

Dividimos as citações em 3 grupos:

- a) a língua apresentada como fato social e ligada aos falantes;
- b) o estudo da linguagem comporta duas partes: a fala e a língua;
- c) a relação entre a língua e a história. Vejamos tais passagens:

a) Citações em que Saussure considera a língua como fato social e ligada aos falantes (massa falante, massa, coletividade, contrato coletivo, convenção social, produto do espírito coletivo, corpo social)

“Graças aos neogramáticos, não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos.” (p.12)

“[...] a língua não é mais uma entidade e não existe senão nos que a falam.” (p. 12, nota de rodapé)

A língua “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (p. 17)

“Para bem compreender tal papel, no entanto, impõe-se sair do ato individual, que não é senão o embrião da linguagem, e abordar o *fato social*. [...]”

Quando ouvimos falar uma língua que desconhecemos, percebemos bem os sons, mas em virtude da nossa incompreensão, ficamos alheios ao fato social.

A parte psíquica não entra tampouco totalmente em jogo: o lado executivo fica de fora, pois sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos fala (parole).

Pelo funcionamento das faculdades receptiva e coordenativa, nos indivíduos falantes, é que se formam marcas que chegam a ser sensivelmente as mesmas em todos. De que maneira se deve representar esse produto social para que a língua apareça perfeitamente desembaraçada do restante? Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua. Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala por todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou mais exatamente, nos cérebros de um conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ele existe de modo completo.” (p. 21)

“Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade.” (p. 22).

“Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que tem sua sede no cérebro” (p. 23)

“[...] a língua constitui uma instituição social [...]” (p. 24)

“A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, [...]. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos independa da vontade dos depositários.” (p. 27)

“Um indivíduo não somente seria incapaz, se quisesse, de modificar em qualquer ponto a escolha feita, como também a própria massa não pode exercer sua soberania sobre uma única palavra: está atada à língua tal qual é.” (p. 85)

“[...] o signo lingüístico escapa à nossa vontade [...]” (p. 85)

“A língua [...] é, a cada momento, tarefa de toda a gente; difundida por u’a massa e manejada por ela, é algo de que todos os indivíduos se servem o dia inteiro.

“[...] da língua [...], cada qual participa a todo instante e é por isso que ela sofre sem cessa a influência de todos. [...]. A língua, de todas as instituições sociais, é a que oferece menos oportunidades às iniciativas. A língua forma um todo com a vida da massa social e esta, sendo naturalmente inerte, aparece antes de tudo como um fato de conservação. [...]”

Se a língua tem um caráter de fixidez, não é somente porque está ligada ao peso da coletividade, mas também porque está situada no tempo. Ambos os fatos são inseparáveis. A todo instante, a solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de escolher. Dizemos *homem* e *cachorro* porque antes de nós se disse *homem* e *cachorro*. Isso não impede que exista no fenômeno total um vínculo entre esses dois

fatores antinômicos: a convenção arbitrária, em virtude da qual a escolha se faz livre, e o tempo, graças ao qual a escolhe se acha fixada.” (p. 88).

“A língua é para nós a linguagem menos a fala. É o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender. Mas essa definição deixa ainda a língua fora de sua realidade social; faz dela uma coisa irreal, pois não abrange mais do que um dos aspectos da realidade: o individual; é mister uma *massa falante* para que exista uma língua. Em nenhum momento, e contrariamente à aparência, a língua existe fora do fato social, visto ser um fenômeno semiológico. Sua natureza social é um de seus caracteres internos; sua definição completa nos coloca diante de duas coisas inseparáveis [língua e massa falante, *grifo nosso*].” (p. 92)

Nessas passagens podemos ver com clareza a língua atrelada ao social, à coletividade ou à massa falante. Nesse sentido, o sujeito individual não tem poder algum sobre a língua: é preciso da sociedade para validar os elementos linguísticos. Ademais, a questão da arbitrariedade é totalmente social, uma vez que precisa da ratificação coletiva para funcionar. O arbitrário prova que tudo na língua precisa do consenso dos falantes. Saussure reconhece a importância da coletividade nesse processo, contrariando os discursos os quais defendem que ele separou o social dos estudos da ciência linguística.

Essas citações demonstram também que não tinha como o professor genebrino apresentar teorizações aprofundadas acerca do assunto, pois a discussão sobre a relação entre língua e sociedade ainda era embrionária. Abordar a língua sob a perspectiva social é algo que carecia de muitas reflexões que não haviam sido realizadas naquele momento. Tal estudo foi desenvolvido, como se sabe, décadas mais tarde por teorias como a Análise do Discurso, Sociolinguística, dentre outras. O fato de Saussure fazer várias menções sobre o tema no CLG já é uma inovação para a época e ajudou a consolidar a relação da linguagem atrelada à sociedade.

Para compreender melhor esse cenário, deve-se levar em conta como era tratada a relação entre o social e a língua no final do século XVIII e começo do século XIX, época em que viveu Saussure. Esse período é marcado pelo anseio de libertar a linguagem de uma visão naturalista e representativa. Uma figura essencial a ser recuperada nessa batalha é o americano William W. Whitney (1827-1894). Whitney associa o conceito de linguagem/língua com a dimensão social, um tema inovador para a época. O contato direto com as ideias de Whitney estimulou o pensamento saussuriano. É só retomarmos a obra *Escritos de linguística geral*, em que o autor apresenta dois textos dedicados a Whitney: ‘Notas para um artigo sobre Whitney’ e ‘Notas para o curso II (1908-1909): Whitney’, no qual encontramos Saussure refletindo sobre as ideias do americano. No próprio CLG há menção a Whitney: “Assim, para Whitney, que considera a língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras [...] (SAUSSURE, 2006, p.17). Nesse sentido, a relação inovadora proposta por Whitney entre língua e sociedade não é desconsiderada por Saussure, principalmente pelo fato de a língua ser considerada uma instituição social.

Whitney se empenhou consideravelmente para combater as tendências naturalistas e retirar a linguística das áreas como a biologia e a botânica. A partir das pesquisas de Whitney, os estudos da linguagem mudaram de rumo: saíram do campo dos fatos naturais para se inscreverem nos fatos históricos e sociais e encontrarem a definição de língua como um sistema. Ao contestar a perspectiva da língua enquanto um organismo vivo e independente do falante, Whitney auxiliou Saussure a refletir sobre uma visão inovadora em que a língua estava atrelada à dimensão social. A partir dessa inovação, homem e língua foram retirados dos discursos naturais e realocados sob a égide dos discursos históricos e sociais. Saussure estava atento a esse cenário histórico e não deixou de abordar tais acontecimentos em seus estudos.

Whitney, ao discutir sobre a função social da língua, também rompe com a tradição comparatista da época. Para o autor, a linguagem é colocada como um instrumento de comunicação e a necessidade de se comunicar é uma função social da língua. Whitney a considera como uma instituição, na qual os seus signos são simultaneamente convencionais e arbitrários. Também vem deste autor a ideia de que temos outras formas de expressão como os gestos, a entonação, dentre outros, que auxiliam a linguagem ordinária. Para Paveau e Sarfati (2006, p.41): “É patente que, nesses pontos fundamentais, Saussure [...] continua profundamente devedor de algumas de suas teses fundamentais à reflexão predecessora de Whitney.” A formulação *língua enquanto uma instituição social* e outras teorizações de Whitney agradaram Saussure e serviu de inspiração para o CLG: “Encontraremos essa maneira de proceder no Cours de linguistique générale [...]” (PAVEAU; SARFATI, 2006, p.37). Para Faraco (2007), essa é a peça central na linguística saussuriana, a qual defende a necessidade de uma ciência autônoma da linguagem que deveria se diferenciar da visão histórico-comparativa e ser independente das ciências naturais e da psicologia.

O professor genebrino definiu, nesse sentido, o objeto de estudo da linguística, percebendo o seu caráter social. A própria necessidade de uma teoria da semiologia, proposta por Saussure, atesta que o professor esteve atento a essa questão.

b) Citações em que Saussure considera que o estudo da linguagem comporta duas partes: a fala e a língua:

“A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (p. 16).

“[...] uma, essencial, tem por objeto a língua que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica.

“Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente,

o fato da fala vem sempre antes [...] Enfim, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos. Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta.” (p. 27)

“O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação é psicofísica.” (p. 27)

As citações acima defendem que, na prática, não há como separar a língua da fala. Esses dois elementos estão intimamente interligados e Saussure não negligenciou tal questão. Só se pode separar a língua da fala por uma questão metodológica, procedimentos científicos. O discurso difundido por tanto tempo de que o referido autor excluiu a fala dos estudos da língua se constituiu, provavelmente, com a finalidade de eliminar de vez as intenções metafísicas, psicológicas e naturalistas de estudar a linguagem, uma vez que tais práticas atrapalhavam o estabelecimento de práticas científicas objetivas que se buscava para constituir uma ciência nos moldes positivistas da época. Saussure estava consciente da urgência de se estabelecer um rompimento epistemológico com os estudos que se fazia da linguagem. Não que língua e fala deveriam ser estudadas separadamente em todos os momentos, mas que era preciso definir esse elemento de estudo de forma abstrata, como uma prática metodológica a fim de derrubar de uma vez por todas as linhas de pensamento dos estudiosos daquele tempo que também trabalhavam para edificar uma ciência linguística.

c) Citações em que Saussure evidencia a relação entre a língua e a história, colocando-as como indissociáveis, diferentemente de uma ideia de oposição:

“A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado. Parece fácil, à primeira vista, distinguir entre esses sistemas e sua história, entre aquilo que ele é e aquilo que ele foi; na realidade, a sua relação que une ambas as coisas é tão íntima que se faz difícil separá-las.” (p. 16)

“Um dado estado de língua é sempre o produto de fatores históricos e são esses fatores que explicam porque o signo é imutável, vale dizer, porque resiste a toda substituição.” (p. 86)

“Não basta, todavia, dizer que a língua é um produto de forças sociais para que se veja claramente que não é livre; a par de lembrar que constitui sempre herança de uma época precedente, deve-se acrescentar que essas forças sociais atuam em função do tempo. Se a língua tem um caráter de fixidez, não é somente porque está ligada

ao peso da coletividade, mas também porque está situada no tempo. Ambos os fatos são inseparáveis. A todo instante, a solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de escolher. Dizemos *homem e cachorro* porque antes de nós se disse *homem e cachorro*. Isso não impede que exista no fenômeno total um vínculo entre esses dois fatores antinômicos: a convenção arbitrária, em virtude da qual a escolha se faz livre, e o tempo, graças ao qual a escolha se acha fixada.” (p. 88).

“[...] o tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal.” (p. 91)

“[...] é a ação do tempo que se combina com a da força social; fora do tempo, a realidade linguística não é completa e nenhuma conclusão se faz possível.” (p. 92)

“Se se tomasse a língua no tempo, sem a massa falante – suponha-se o indivíduo isolado que vivesse durante vários séculos – não se registraria talvez nenhuma alteração; o tempo não agiria sobre ela. Inversamente, se se considerar a massa falante sem o tempo, não se veria o efeito das forças sociais agindo sobre a língua. [...] A língua já não é agora livre, porque o tempo permitirá às forças sociais que atuam sobre ela desenvolver seus efeitos, e chega-se assim ao princípio de continuidade, que anula a liberdade. A continuidade, porém, implica necessariamente a alteração, o deslocamento mais ou menos considerável das relações.” (p. 92-93).

As citações selecionadas comprovam que não há como a língua se separar das forças históricas como pregam os discursos os quais vemos circular sobre tal assunto. Termos como *evolução, produto do passado, história, aquilo que foi, produto de fatores históricos, herança de uma época precedente, tempo*, dentre outros, evidenciam que a história é constitutiva da língua e uma não existe sem a outra. Saussure (2006, p.91) deixou bem claro que “[...] o tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal.”

Por muito tempo se afirmou que Saussure excluiu a história, a sociedade e o falante dos estudos da ciência linguística. Contudo, com o amadurecimento que se teve no último século, é o momento de se abandonar tais afirmações, como a discussão desenvolvida até agora comprovou. A partir disso, não há como o falante colocar o sistema em funcionamento seguindo sua consciência e vontade que não seja por regras linguísticas e sociais também. Infringir ambas as regras traz consequências aos falantes: não conseguir se comunicar, não atingir a compreensão do outro, o desentendimento, o equívoco, sentidos inesperados são algumas das punições que o indivíduo pode sofrer. Desse modo, o sistema linguístico está atrelado às convenções sociais, ao padrão coletivo estabelecido por cada comunidade.

Émile Durkheim (1984), ao definir os fatos sociais como o objeto de estudo da sociologia, explica que a sociedade é algo que existe independente da vontade dos indivíduos, sendo dotada de poderes coercitivos os quais ultrapassam a vontade

individual. Saussure aproxima-se das ideias de Durkheim e define a língua como um fato social que existe não pela vontade individual, mas sim por forças sociais. Em consequência, os referidos teóricos negam o sujeito psicológico, fugindo do psiquismo. Ambos Durkheim e Saussure realizam cortes para estabelecer as ciências que defendiam, em uma época em que as ciências humanas também buscavam se constituir. Negar o individual para defender o social foi o caminho que esses autores percorreram para estabelecer seus campos científicos. Acerca disso, Silva e Milani (2011, p.13) afirmam que:

Se a língua é um fato social cuja natureza se encaixa na descrição feita por Durkheim – não há outra definição –, então, não surpreende o fato de que, frequentemente, Saussure seja acusado de ter suprimido o papel do indivíduo nos estudos de natureza linguística. R. Lafont e F. Gardès-Madray (1976, p. 13 *apud* FIORIN, 2002, p. 29), por exemplo, argumentaram que “a oposição *langue/parole* permite eliminar o falante da investigação linguística”. Confronte, além disso, a declaração de Marina Yaguello, sobre o papel ativo do indivíduo falante: “o falante – por meio do qual se exprimem também as relações sociais –, por longo tempo afastado da Linguística, nela foi introduzido pela Sociolinguística e disso resultou uma redefinição do próprio objeto dessa ciência” (YAGUELLO *apud* FIORIN, 2002, p.27).

Sobre esse assunto, Gadet (1987) revela que, em seus manuscritos, Saussure analisou a língua como tendo um aspecto coletivo e outro individual. No entanto, no CLG foi atribuído apenas à fala essa liberdade do falante. Como consequência, a interpretação realizada é que apenas a fala carrega esse lado individual, gerando uma distorção das ideias do professor genebrino. Ademais, analisa a autora, Saussure teria dito que a distinção entre a fala e a língua era de primeira grandeza. Esse fato justifica o exagero que se vê no CLG sobre isso. O que pode ter gerado as interpretações mencionadas aqui é a falta de desenvolvimento que encontramos no *Curso* acerca dessas questões. Há citações, menções da língua atrelada à sociedade, porém não foram teorizadas por Saussure: como vimos, não há uma elaboração efetiva sobre o assunto. Outro fator é que as teorizações realizadas sobre o signo apontam para uma visão sistemática da língua.

A publicação do livro *Escritos de Linguística Geral* (ELG) veio desfazer as confusões produzidas pelo CLG e confirmar que a fala não poderia ser considerada um elemento secundário. A partir do ELG, foi possível perceber que Saussure defendeu uma linguística da língua inseparável da linguística da fala. Nesse sentido, o autor acredita na dupla essência da linguagem, não excluindo, pois, a fala de seus estudos:

[...] não me lembro de Saussure ter excluído do horizonte de suas preocupações os aspectos ligados à interação social. Na interpretação

que faço do ‘social’ em Saussure – há muitas ocorrências, no CLG, de ‘social’ ligado à língua: ‘fato social’ (CLG, 21), ‘realidade social’ (CLG, 92), ‘produto social’ (CLG, 17), ‘instituição social’ (CLG, 24) etc. –, não se trata de negar o papel da sociedade na mudança e na variação linguística. Na contramão disso, Saussure esforça-se para mostrar que a sociedade está presente em um nível fundamental, na medida em que a sociedade é condição de existência da língua. Em outras palavras, Saussure retira da linguística sincrônica o social como causalidade de explicação do sistema de valores que constituem sincronicamente uma língua, sem, no entanto, deixar de enfatizar que os signos têm existência apenas na massa falante, que é social e que coloca a língua em uso na troca que é a *parole*. Os termos dessa formulação que dou para o “social”, em Saussure, precisam, ao menos, ser considerados, quando o que está em tela é a crítica de uma suposta ausência desse aspecto na teoria do genebrino. (FLORES, 2016, p.75).

O que Flores (2016) demonstra nessa citação é que, por conta da procura por um método rigorosamente científico de análise linguística, Saussure procede a separação entre língua e fala, sem, no entanto, deixar de reconhecer que a sociedade é condição de existência da língua. Sobre isso, Coseriu (1980, p.220) afirma que há no CLG duas noções de língua as quais não coincidem inteiramente, em que Saussure: “[...] faz um esforço para combinar duas oposições diferentes: realização/sistema e indivíduo/comunidade [...]” Tal fato não foi percebido na época e as citações apresentadas comprovam que a língua não pode existir fora de sua historicidade.

Saussure realmente não elabora conceitos metodológicos sobre o social no CLG, uma vez que sua preocupação é discutir sobre o signo linguístico e a questão do seu valor. Entretanto, o fato de ele reconhecer que a língua é social por natureza, evidencia que o signo está imerso socialmente: sem a massa falante não há vida para o signo. Ao reconhecer a necessidade de uma linguística da fala, Saussure estabelece dois níveis no estudo para a linguagem: a língua e a fala. O referido autor ultrapassa os limites dos estudos linguísticos quando diz que a linguística é um ramo de uma ciência mais ampla, a semiologia, que tem como objetivo estudar “[...] a vida dos signos no seio da vida social [...]” (SAUSSURE, 2006, p.24).

Considerações Finais

Ao romper com as práticas comparatistas da época, Saussure, a partir da noção de valor, defende que o sentido é construído pelas relações de oposição que se estabelecem dentro do sistema linguístico. Por conta desse olhar sistemático, o professor genebrino, ao não conseguir concluir suas ideias por conta de sua morte prematura, abriu fissuras para as interpretações puramente sistemáticas e afirmações de que ele havia excluído

o fato social dos estudos da língua. É preciso compreender o conceito de coletivo para Saussure: ele é uma espécie de elemento pressuposto que o portador do sistema precisa compartilhar. Não se trata de um “social” teoricamente definido enquanto conjunto de práticas. Como isso não foi compreendido logo de início, construiu-se a imagem de que ele negligenciou o fato social nos estudos da linguagem. Como vimos, ao discorrer sobre a dependência do contrato coletivo, da massa falante, das coerções sociais, Saussure percebeu que, para essas relações sistemáticas funcionarem, era preciso de ratificação social.

As primeiras interpretações realizadas sobre o *Curso*, fruto da historicidade da época, agiram sobre os discursos, criando uma imagem para o professor suíço que reverberou durante um século. Como consequência, o verdadeiro núcleo de pesquisa de Saussure não ficou claro de imediato, necessitando de muitas discussões e debates até que se chegasse a ele: a noção de valor dos elementos que compõem um sistema de signos convencionados socialmente. Nesse sentido, ver a língua como um sistema de valores elimina a necessidade de recorrer à subjetividade do falante. Ver um falante que obedece à ordem da língua, suas regras estabelecidas socialmente, elimina a necessidade de considerar suas intenções. Saussure está imerso em uma época em que a subjetividade, a metafísica, o naturalismo, enfim, outras linhas de pensamento estavam concorrendo para estabelecer uma ciência linguística. Saussure percebeu que era preciso sair do apelo ao sujeito e sua intenção naquele momento histórico em que tantas teorias (metafísica, idealismo, naturalismo) estavam concorrendo.

Como foi possível perceber com esse trabalho, o próprio CLG desconstrói a imagem de que Saussure exclui o social, de que o único e verdadeiro objeto de estudo da linguística é a língua considerada em si e por si o qual vimos circular nas últimas décadas. A partir dessas discussões, é imperante repensar o assunto para que possamos não mais repetir esses discursos reducionistas sobre o referido autor. O problema vislumbrado é que, depois da descoberta das fontes manuscritas, esses discursos primeiros continuaram sendo propagados. Muitas vezes, não houve uma correção e atualização do que se diz sobre Saussure. É preciso que os estudiosos da língua atualizem seus aprendizados sobre o professor genebrino e passem a produzir conhecimentos sobre o assunto a partir dos estudos saussurianos que se formaram nas últimas décadas. Essa preocupação se justifica a partir do amplo desenvolvimento de estudos linguísticos ao longo desses 100 anos da publicação do CLG. A quantidade de conhecimento produzido no último século não permite conceber a ciência linguística da mesma forma que se fazia em 1916.

BONÁCIO, D. Is it needed to reinterpret the social fact concept in Saussure? *Alfa*, São Paulo, v.65, 2021.

- *ABSTRACT: Saussure's ideas published in the CLG produced a discursive event and circulated the discourse which defends that, by excluding speech from the object of study of linguistics, Saussure excluded the social fact from the sciences of language (Meillet, Voloshinov). After*

100 years of this publication, we wonder if it is necessary to reinterpret the concept of social fact in Saussure. Our question is based mainly on passages from the CLG that prove how much Saussure was concerned with this issue, when he presented the concepts of speaking mass, the collective character of the linguistic sign, language as a social institution and also because of the influences of authors who dealt with such a subject as Durkheim and Whitney. The purpose of this article is to problematize this discourse, which is made evident by reflecting on the question of social fact in the Swiss linguist. To carry out this research, we collected statements from the CLG and opposed it with criticisms from language scholars, who argue that Saussure made the exclusion of the social fact in the constitution of linguistic science. From this research, we were able to understand that he did not neglect the social fact, on the contrary, when discussing the dependence on the collective contract, Saussure realized that, for systematic relations to work, social ratification was necessary.

- **KEYWORDS:** *social fact; Saussure; course in general linguistics; discourse analysis.*

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (V. N. VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979.

BAKHTIN, M. (V. N. VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BRAIT, B. A presença de Saussure em escritos de Mikhail M. Bakhtin. *In:* FARACO, C. A. **O efeito Saussure:** cem anos do Curso de linguística geral. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p.91-109

CALVET, L. J. **Saussure:** pró e contra para uma linguística social. Tradução de Maria Elisabeth Leuba Salum. São Paulo: Cultrix, 1975.

CHISS, J.-L.; PUECH, C. **Le langage et ses disciplines XIX-XX siècles.** Paris; Bruxelles: De Boeck & Larcier, 1999

COSERIU, E. **Tradição e novidade na Ciência da Linguagem:** estudos de história da Linguística. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

CRUZ, M. A. Por que (não) ler o Curso de linguística geral depois de um século. *In:* FARACO, C. A. **O efeito Saussure:** cem anos do Curso de linguística geral. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p.25-48

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico.** Tradução de Maria Isaura Pereira dos Santos. 11.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1984.

FARACO, C. A. Apresentação. *In*: FARACO, C.A. **O efeito Saussure**: cem anos do Curso de linguística geral. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p.7-24.

FARACO, C. A. Estudos pré-saussurianos. *In*: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2007. v.3, p.27-52.

FARACO, C. A. Voloshinov: um coração humboldtiano? *In*: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (org.). **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006. p.125-132.

FLORES, V. N. Notas para uma leitura do antropológico no Curso de linguística geral. *In*: FARACO, C. A. **O efeito Saussure**: cem anos do Curso de linguística geral. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p.73-90.

FLORES, V. N. Bakhtin e Saussure: convergências e divergências. *In*: BEVILAQUA, C. H. Z.; VIANNA, V. L. L.; PIRES, V. L. (org.). **Bakhtin**: diálogos inconclusos. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2002. p.21-26. (Coleção ensaios, n. 5).

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

GADET, F. **Saussure**: une Science de la Langue. Paris: Ed. PUF, 1987. (Philosophies).

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, E. **Fundamentos da Lingüística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1980.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NARZETTI, C. Pêcheux e Voloshinov (Bakhtin): leituras de Saussure. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v.40, n.3, p.1256-1269, set./dez. 2011.

PAVEAU, M. A.; SARFATI, G. E. **As grandes teorias da Linguística**: da gramática comparada à pragmática. Tradução Rosário Gregolin, Vanice Sargentine e Cleudemar Fernandes. São Carlos: Claraluz, 2006.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990. p. 61-105

PORSCHÉ, S. C. Saussure e Volochinov: uma relação conturbada. **ReVEL**, [s.l.], n.2 esp., p.1-19, 2008.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, D. M.; MILANI, S. E. Saussure: as consequências da instituição de um elemento híbrido, a *langue*, sistema/fato social, como objeto da linguística. **Anais do SILEL**, Uberlândia, v.2, n.2, p.1-16, 2011.

WEEDWOOD, B. **História concisa da Linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

Recebido em 16 de abril de 2020

Aprovado em 29 de setembro de 2020